



Por uma política do acontecimento” (o *sinthoma* e o corpo falante)

Referência

Vieira, M. A. Por uma política do acontecimento, *Correio (revista da Escola Brasileira de Psicanálise)*, n. 78, São Paulo, EBP, 2016, pp. 55-72.

Capa e índice

Marcus André Vieira

Resumo

Qual política está implicada pela experiência psicanalítica tal como ela se apresenta a partir do dispositivo do passe? Ou ainda: de que forma entender, uma política do *sinthoma*?

Nosso ponto de partida será o sintoma tal como Lacan o aborda em seu *Seminário 23*. Como se sabe, ele modifica a grafia do termo para assinalar que o sintoma na experiência analítica, uma vez depurado ao máximo de suas sobredeterminações e sentidos, encarna uma singularidade muito especial. Ela não se apresenta como um ponto cego, no infinito, sempre perseguido e nunca alcançado, mas uma presença, um gozo, nos termos de J. A. Miller, “impossível de negativar”. Ele permanece ativo, mesmo estando fora das cadeias do cotidiano, pois é o gozo que não cabe na vida, mas ao mesmo está ali, fazendo e não fazendo parte do eu, tal como a letra “h” no termo proposto por Lacan, *sinthoma*.¹

Neste sentido, a perturbação que o *sinthoma* representa no campo do ego estará sempre na ordem do dia. Por esta razão, Lacan nos levará a assumir que o final de análise não envolverá sua erradicação, neutralização ou negatificação, mas um “fazer com” ele [*savoir-y-faire*]. Os relatos de passe permitem aquilatar como o gozo do *sinthoma*, que impedia as coisas de funcionarem “redondinhas”, continuará

♦ “Este texto reproduz em parte de dois encontros do seminário *Lições do Passe – Seminário da Diretoria da EBP-Rio*, ocorridos em 28/09 e 26/10 de 2015. Boa parte desses dois encontros apoiaram-se em um comentário do relato de passe de Araceli Fuentes a que remeto leitor na versão completa do seminário, disponível em <http://www.ebprio.com> (acesso em 17/02/16). Transcrição por Cida Malveira.

sustentando um ratear incessante [*ça rate*], mas ao mesmo tempo como essa atrapalhação passa a ser em alguma medida congruente com o eu. Como diz Lacan, haverá uma identificação com o *sinthoma*.

Se tudo isso for válido, cabe perguntar se é possível estender esse “fazer com” a uma esfera mais ampla, se as ações lacanianas na cidade não poderiam seguir uma orientação análoga, mesmo não se desenrolando como uma análise levada às últimas consequências. Dito de outro modo: Qual política está implicada pela experiência psicanalítica tal como ela se apresenta a partir do dispositivo do passe? Ou ainda: de que forma entender, uma política do *sinthoma*?²

O analista na cidade

De onde partir? Proponho a seguinte constatação de Antonio Di Ciaccia: “O impacto da psicanálise, da teoria psicanalítica é superior ao impacto dos psicanalistas, isto é ao impacto que as pessoas que exerceram ou exercem a psicanálise têm sobre a comunidade humana”.³ Primeiro há o impacto do *saber da psicanálise* aplicado às questões práticas da vida coletiva como presença da psicanálise na cidade. Nesse campo, porém, “a psicanálise promete muito e decepciona ainda mais”. A proibição da adoção de crianças por casais homossexuais, apoiada em uma concepção psicanalítica generalizante da homossexualidade como ligada à estrutura perversa, é um exemplo do que pode ocorrer quando o saber da psicanálise é aplicado a questões fora do campo de sua clínica.

O analista pode se apresentar, porém, em sua condição particular, pessoal, como o terapeuta da alma, ou o intelectual marginal, como indica J. A. Miller, ou ainda como um “herói da desidentificação”, expressão de Laurent para caracterizar um analista socrático, uma das figuras do analista na cidade. Apoiando-se no quanto a presença do inconsciente demonstra que o eu não é senhor em sua morada, ele está sempre pronto a derrubar ídolos e rir de qualquer, mas resvala facilmente para a infertilidade histórica de uma posição do tipo “se há governo, sou contra”. Em todos esses casos, o impacto de sua ação parece bem pouco original.

Outra possibilidade de presença do analista na cidade, seria a do “conselheiro do príncipe”. De fato, não poderia a movimentação dos políticos ganhar com o que a psicanálise esclarece quanto aos poderes da palavra e da transferência? A posição de Di Ciaccia a esse respeito é a de que “o que é suportado no privado é recusado no público”. Sim, porque o fato da transferência causa horror do ângulo da intersubjetividade vigente, a que Lacan define como a dos advogados americanos. O analista, neste sentido, parece deter um poder excessivo, já que, deste ponto de vista todo poder deve ser exercido dentro de uma situação de contrato, passível de ruptura a qualquer hora pelas partes contratantes. Basta o exemplo da variação do tempo e do dinheiro pelo analista laciano para constatar como estamos distantes da relação contratual. Por isso, a transferência e seus poderes, os poderes da palavra em última instância, serão tolerados desde que se mantenham no âmbito privado e execrados no público.

O interessante da proposta de Di Ciaccia é que todas estas questões sejam abordadas a partir da novidade trazida por Lacan, cuja contribuição para a cidade seria a do campo de trabalho em torno da *formação do analista*, incluindo neste sintagma não apenas as análises, mas tudo o que se transmite e se explicita e se generaliza do laço

analítico envolvendo a formação dos analistas. Nisso residiria a possibilidade de experimentar a transferência, os poderes da fala e da interpretação em um ambiente relativamente protegido, a Escola.

O *passee*, como ponto central desta formação, aparece neste plano como o caminho privilegiado para essa entrada do analítico no social. De fato, o *passee* é uma demonstração de como a transferência leva a um novo laço com o Outro, não mais restrito à fantasia. Não é à toa que Lacan dirá em *Televisão* que o analista, como lugar de uma novidade, neste texto aproximada como lugar do *riso* diante do supereu, seja a possibilidade, para Lacan, de “saída do discurso capitalista”.⁴ Para isso, ele nota, é preciso que o “*passee*” do analista não seja apenas para alguns, ou seja, que o *passee* possa ser tomado no plano da transmissão do AE e não apenas de sua nomeação.

Nosso ponto de partida se reformula, a ênfase se desloca, do analista na cidade para o *passee* e a cidade. Em que o *passee* pode contribuir para uma política do *sinthoma*?

Passagem e transformação

O *passee* vem destacar o tema da *passagem* de modo distinto do senso comum não tanto ao modo de um deslocamento de um espaço a outro, mas no de uma mutação da topologia habitual. Quais os espaços em questão no final da análise? Primeiramente a *fantasia*, como cena da vida até, espaço estruturante, feito dos encontros com o Outro e do que desses encontros ficaram como marcas, balizas definindo o leque dos possíveis e dos impossíveis do gozo. A seguir o *sinthoma* como espaço de um gozo não recoberto pela estrutura da fantasia, um gozo, portanto, imprevisto, nem possível, nem impossível, sem definição prévia. No final de uma análise não acontece a passagem de um espaço para o outro, pois não há exatamente dois espaços. O gozo do *sinthoma* não existe *per se*, ele só é imprevisto com relação à fantasia. Não há como tomá-lo como a terra prometida do gozo livre, para onde nos mudaríamos no estágio de final de análise, pois é sempre um excesso, desde sempre presente, com relação à fantasia. Não é nem o gozo possível da fantasia, nem o impossível, mas o contingente, o que ela não estipulava.

O *passee* assinala uma saída do inconsciente ao mesmo tempo em que nele se permanece, por isso é preciso tomar a passagem em questão, não como saída de um espaço, mas sua subversão, transformação. Podemos nos perguntar, então, se o analista na cidade não seria aquele que pudesse promover transformações no mesmo estilo daquela que observamos no final da análise. Na expressão “analista na cidade”, o termo *cidade* pode vir, assim, marcar não uma diferença de lugares “consultório x cidade”, nem de épocas “antigamente x hoje”, mas sim assinalar uma transformação.⁵

Qual transformação? Podemos começar definindo-a como abertura, mas não a qualquer coisa, uma abertura à *contingência*. Dito de outro modo, trata-se de uma transformação para que a fantasia possa permitir o *acolhimento* desse gozo singular do *sinthoma*. De outra maneira ainda, já que Lacan define o *sinthoma* como “acontecimento de corpo”:⁶ o final de análise significa uma transformação da fantasia que passa ser compatível com o *acontecimento* de corpo.

Agora precisamos entender o que significa “acontecimento de corpo”. Para começar, ele deve ser distinguido do acontecimento de uma verdade. Trata-se de tomar o inconsciente em outro plano que não o de uma verdade recalcada. É uma reviravolta

e tanto porque foi exatamente assim que Lacan definiu, para começar, a experiência do inconsciente, como uma experiência de verdade. Então, mas um passo atrás: para chegar ao acontecimento de corpo, partamos do acontecimento de verdade.

Acontecimento de verdade e acontecimento de corpo

Lacan definiu a experiência do inconsciente como o encontro com Outra fala na própria fala, ele é um “achado”, que inclui tanto esta fala quando a experiência do encontro com ela. O inconsciente freudiano é, assim, “texto e hiância”, uma verdade recalçada e ao mesmo tempo a surpresa do acontecimento, para alguém, desta verdade.⁷ Mais que o conteúdo encontrado, a experiência de encontrar, o fato do encontro, conta. Ela é responsável pelo valor de verdade do que se está sendo dito que, em si, pode ser um dado relativamente banal, um amor pelo pai, ou um desejo de morte por um amigo, por exemplo. Ora, se o acontecimento de uma verdade é no mínimo tão importante quanto o conteúdo da verdade em questão, esta se relativiza. O que diz o inconsciente é uma verdade, mas não “A” verdade, ou de outro modo, ele diz uma verdade e ao mesmo tempo que ela não teria como ser, em seu conteúdo, integralmente única e singular, o que Lacan sintetiza como o célebre aforismo: só há verdade como meio-dita.

Lacan revoluciona o campo psicanalítico ao resolver com esta formulação a dicotomia da célebre definição freudiana da psicanálise como sendo ao mesmo tempo um método de investigação e de tratamento. A psicanálise tanto é uma terapia como um método de investigação e autoconhecimento porque é uma experiência de verdade. Mais que conhecer a verdadeira verdade sobre si mesmo ela é a certeza de que há uma verdade, que ela pode ser encontrada, dita, mesmo que apenas meio-dita. E isso muda e melhora a vida.

Ora, a verdade não tem mais o mesmo cartaz. Há tantas situações, na política por exemplo, em que todos estão tão fora da verdade que a busca da verdade não faz sentido. De fato, de que modo a categoria da verdade poderia ser de alguma utilidade no que concerne à operação lava-jato e tudo o que ela envolve, por exemplo?

Neste ponto incide a importância de Lacan destacar, mais tardiamente em seu ensino como uma análise nos leva não apenas ao acontecimento da verdade, mas ao acontecimento de corpo. A expressão é *événement de corps*, usada por Lacan para definir o *sinthoma*. Ela poderia ser traduzida como “acontecimento corporal”, mais interessante, por destacar o *sinthoma* como vimos, como a presença de um gozo que é corporal, mas que não se localiza no corpo visível, campo do eu e da fantasia, no máximo, como propõe Freud para seu inconsciente, “entre os órgãos”.⁸

Este acontecimento convoca um corpo que não é aquele com que nos deitamos e levantamos, mas daquele que transborda sua imagem, essa que encontramos no espelho, às vezes com sustos, mas que nos assegura que somos nós mesmos. Pois bem, uma análise é sempre também a certeza de que somos mais que nós mesmos e que isso conta. O X Congresso de la AMP nos propõe examinar o valor clínico, epistêmico e político do inconsciente como experiência do *sinthoma* como acontecimento de corpo.

É bom lembrar que o inconsciente como *corpo falante* é o inconsciente como falante no corpo que sustenta um acontecimento fora do sentido, mas não fora da vida e sobretudo não fora da linguagem. O acontecimento de corpo, é o encontro, na vida

de todo dia, com alguma coisa que é feita de um material que produz surpresa, que traz a certeza de que a vida que a gente tem não cabe na vida que a gente leva.

Seu valor de acontecimento e subversão é o mesmo do acontecimento de verdade, mas a ênfase é seu aspecto de presença. Uma análise transforma a fantasia, essa matriz do discurso de alguém, sua ideologia particular, para que ela possa acolher o acontecimento de corpo, fora da *la repetition y de las ideologias*. Uma análise permite que se esteja à altura do acontecimento deste gozo, que às vezes chamamos de feminino, às vezes de opaco, ou do Um, que só se apresenta para um só, mas não é solidão porque é sempre encontro com algo mais.

A fantasia não é normalmente compatível com o acontecimento de corpo. Por isso precisávamos imaginar que era preciso sair da fantasia. O acontecimento na fantasia é o acontecimento da repetição. O acontecimento do *sinthoma* é o acontecimento da contingência. Uma transformação da relação do sujeito com o inconsciente torna possível que esse inconsciente se abra para a contingência.

Sobre o acontecimento

Tomemos então o termo *acontecimento* neste sentido forte, de contingência. No consultório ou na cidade o analista seria o artesão da possibilidade do acontecimento.

Precisamos melhor delimitar o acontecimento. O tema é muito difícil, mas se alguém pensou o acontecimento no sentido forte, que aproximei da contingência, em oposição ao acontecimento em um sentido mais fraco, do da repetição, foi Deleuze.⁹

Retomo os dois pontos de definição destacados por Deleuze. Primeiramente o acontecimento não é uma ideia, não tem representação em si. Não tem essência, só existência. Pensem, por exemplo, na ideia do casamento. O casamento existe como ideia, e mesmo como ideal de completude e encontro, não precisa acontecer para existir. Já o acontecimento só existe nas pessoas e nas coisas. Acontecimento só existe enquanto ato, só existe na situação. O casamento pode ser um acontecimento ou não, mas é também uma ideia. O acontecimento só pode ser acontecimento. Não há ideia do acontecimento, ele é “efetuado” como diz Deleuze ou não é.

O segundo fator de definição é que, além dele ser apenas “na situação” ao mesmo tempo está sempre em excesso com relação a ela. Não se deixa absorver pela situação, ele transborda a situação, não apenas só existe na situação como, nela, é algo mais.

É exatamente com relação a este excesso que vamos definir a transformação realizada pela análise. Em vez de vivê-lo como excesso traumático passaremos a vivê-lo como excesso *sinthomático*.

É o mesmo excesso, mas vivido de um ou de outro modo. Por *excesso traumático* entendo o excesso que não pôde ser vivido, tido como pura destruição, só pode então ser vivido tomando sua marca, digamos, como cicatriz de seu acontecimento. Por excesso *sinthomático*, por outro lado, quero apontar para o excesso em seu momento, de surpresa e encontro. Proponho como acontecimento de corpo do *sinthoma* o excesso vivido como acontecimento e não como ruptura. É um excesso transbordante, mas sem que se dê ênfase ao transbordamento dos aparatos de tratamento e defesa, o que provocaria então estresse, pânico e trauma.

Acontecimento do *sinthoma* é excesso em seu excesso, sem stress, e não acontecimento no que ele seria como destruição e registro do que terá sido.

Uma análise nos daria a possibilidade de ver nos acontecimentos não apenas seu poder de corte e ruptura, mas de abertura e invenção, mais o transbordamento do campo dos possíveis do que as marcas que este transbordamento deixará.¹⁰

Para enfatizar a diferença proponho uma oposição trazida por Laurent com relação ao trauma.¹¹

Acontecimento e trauma

Primeiramente ele aborda o trauma como “real no simbólico”, furo no saber, efeito da presença de um real que não cabe no simbólico. “Trauma” seria o acidente de um excesso que ultrapassaria e romperia a capacidade do sistema. Ele seria, por um lado, a presença desse excesso e, por outro, aquilo que desse excesso pôde se inscrever, como cicatriz, nas bordas do evento, nas bordas do simbólico.

Certo, mas o *avesso* do trauma, que Laurent convoca, vai destacar o acontecimento de corpo. Nesse plano, do *sinthoma*, do acontecimento de um gozo imprevisto no corpo, temos que falar, não do real no simbólico, mas do “simbólico no real”.

Simbólico no real destaca não a incompatibilidade da linguagem com relação ao gozo, do impossível de dizer, mas, ao contrário, a linguagem se apresentando como o lugar do gozo, e não em oposição a ele.

É muito importante para afastar a ideia de que esse acontecimento seria o de um gozo fora da linguagem e que o *sinthoma*, a singularidade, estaria fora da linguagem. Ao contrário, ele é tomado na experiência analítica como um acontecimento tanto de linguagem quanto de gozo. De fato, o *sinthoma* não é um gozo fora do simbólico, mas resulta de um cruzamento entre os dois, de outra concepção da relação entre eles que Lacan aborda, a partir do nó borromeano, como *lalíngua*. O gozo do *sinthoma* é uma experiência da linguagem e não de seu além. Laurent destaca nesse sentido a linguagem em seu aspecto “parasita”, excessivo, pulsão de morte em termos de Freud como a pulsão por excelência, excesso sexual que transborda a situação, presença de um falante do corpo que não é fala, mas mesmo assim fala. Esse é o paradoxo do *Corpo Falante*.

É disso que estamos nos aproximando quando falamos em acontecimento de corpo, o *sinthoma* é um acontecimento de *lalíngua* como conjunto dos fragmentos linguageiros que sustentam nosso corpo.¹² O acontecimento, então, não é a presença do real como furo, que em um segundo tempo se escreve como trauma, mas do real como aquilo que se fundamenta o corpo, mas se escreve, só que como furo no sentido. O que está em questão no final da análise, não é fazer com o furo, mas fazer com o que faz furo.

Isso muda o sentido do que entendemos como mal-entendido. Qual seu sentido comum? O de erro, uma falha na comunicação. Com Lacan, dizemos que ele é estrutural, uma vez que o real desregula a língua, impede que ela alcance seu ideal de comunicação. Ora, isso é ainda tomar como falha o mal-entendido, no plano do “real no simbólico”, como se o real estipulasse uma incapacidade da língua, estabelecendo um impossível da comunicação. Tomando agora o mal-entendido pelo

avesso, ele é o “simbólico no real”, ele é essa coisa truncada, feita de linguagem e de real ao mesmo tempo, *lalíngua*, que nos constitui.

Em vez de dizermos então que o mal-entendido é a língua impotente diremos que ele é *lalíngua* em seu esplendor. Ele não atrapalha a comunicação, é o que a sustenta, o que faz Lacan dizer que somos todos filhos do mal-entendido.¹³

O acontecimento e seus nomes

A fantasia é uma leitura do *sinthoma* tentando entendê-lo, dar-lhe lugar no sentido, mas como ele é exatamente o que dá vida escapa ao sentido, seu único lugar na fantasia será de trauma ou de objeto resto. O *sinthoma*, porém, não é o excesso que desde o exterior causará efração em sua estrutura, mas é o torto da vida que sustenta a tentativa fantasmática de dar-lhe lugar com fins de reparação. A transformação da fantasia que estamos tentando situar é aquela que torna possível tomar o mal-entendido sem os óculos da fantasia, como o desajeitado da vida, em seu absurdo, bizarro, incongruente únicos, mas, por isso mesmo, centro do que nela é acontecimento.

Creio que isso poderia ser estendido à nossa prática em vários lugares. Não podemos tomar nosso ofício como o de artesãos do acontecimento a partir do que nele nosso *sinthoma* pode encontrar lugar? Em cada situação cabe a pergunta: qual a possibilidade de um verdadeiro acontecimento a partir do que está nos acontecendo? Dito com Deleuze: é possível estar à altura do acontecimento? Resposta de Lacan: sim, basta “fazer com” o que nele é *sinthomático*, excedente sem localização que habita os fragmentos de *lalíngua* poduzidos por noso embates com o Outro.

Mesmo sem o recuso do *sinthoma*, Deleuze sabe disso e cita, nesse sentido, Joe Bousquet, poeta francês bastante conhecido e reconhecido. Bousquet tem a particularidade de ter sido vítima de uma bomba na primeira guerra aos vinte e um anos que o deixou tetraléxico. No entanto, ele trata seu ferimento não como acidente trágico, interrompendo a linha de uma vida, mas como realizando uma natureza que apenas poderia ter aflorado graças a ele.

Os acidentes da vida não podem mudar o lugar desse gozo, traçado pelos encontros mais inaugurais com o Outro, aqueles que constituem nosso corpo e o *sinthoma* como o gozo que nele não coube. Não mudam o *sinthoma*, mas ao produzirem grandes reviravoltas, esgarçamentos do tecido da fantasia, podem fazê-lo vibrar com mais intensidade do que quando oculto pela fantasia. É o que justifica a famosa frase de de Bousquet: “meu ferimento já existia antes de mim, nasci para encarná-lo”.

A grande questão de Bousquet é de como ser “dignos do que nos acontece”, como estarmos à altura do acontecimento. É um gozo imprevisto, porque não estava no caminho da fantasia, mas de outro ponto de vista é um gozo sempre já ali. É preciso que esse gozo do *sinthoma* encontre lugar, vibre no diapasão do acontecimento ou, como diz Lacan, é preciso “fazer par”, a partir de nosso *sinthoma*, variante do “fazer com”.¹⁴

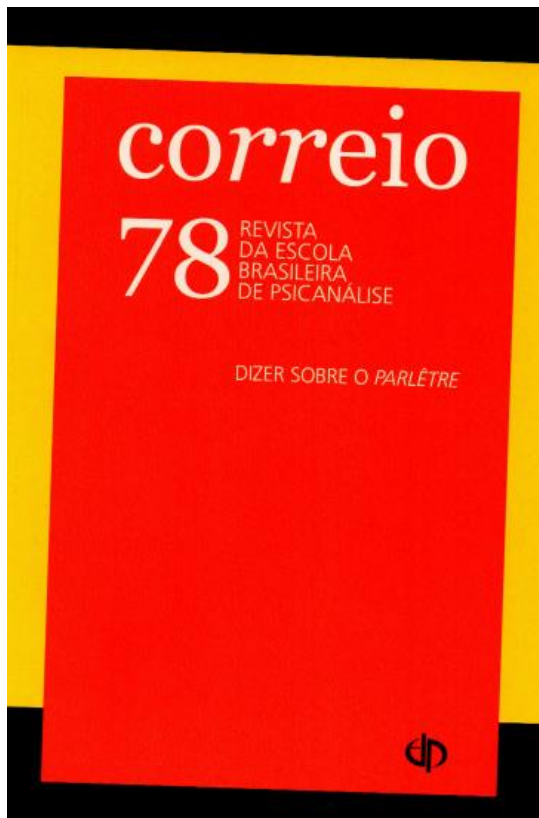
Algo em nós é um gozo incorporal, dirá Lacan com os estóicos. Incorporal, não porque seria etéreo, sem gozo, mas, ao contrário, um gozo corporal, mas deslocalizado e, por isso, de certa forma ainda mais excessivo. A questão é como incluí-lo na vida, não necessariamente no corpo. O gozo que se localiza em algum ponto do corpo é o gozo fálico, não o gozo de que estamos falando, feminino como dizemos, por definição, deslocalizado, imprevisto.

Creio que é neste plano que devem ser consideradas as produções linguageiras dos AEs em seus relatos para referirem-se aos momentos cruciais do final de suas análises. São produções de *lalíngua*, estão fora do sentido, mas não do simbólico se o entendemos em um sentido amplo, que inclua tanto a língua quanto *lalíngua*.

Vários relatos de passe transcrevem como o acontecimento corporal que é o gozo do sinthoma “entrou” na vida, mesmo sem ter ganhado lugar no corpo, ou, tal como atesta Bousquet, entrou no dizer, mesmo sem ter entrado no discurso. Talvez por isso por isso os AEs costumam, nesse ponto, tentar nomear o sinthoma. Afinal, deixá-lo no silêncio só nos aproximaria dos religiosos. O analista tenta materializar esse gozo, em vez de tomá-lo como incognoscível, fisgando-o pelo seu aspecto de simbólico no real, pelo seu lado linguageiro. Surgem aqui neologismos ou quase neologismos em uma série em que figuram meu *mordidavida*, *mandibule*. *calçadeira sem medidas*, *patu*, *efervescência*, *residuodevoz*, entre outros.

Teríamos de discutir se essas nomeações neológicas são necessárias ou se é possível cingir o sinthoma de outro modo. De fato, há passes em que não surgem esses nomes, há ainda aqueles em que são buscados explicitamente, como o de Silvia Salman, há ainda aqueles que os localizam, como o de Graciela Brodsky, como conjunto vazio. Araceli Fuentes o define como “um real não historizável”, que “faz signo”, “signo do que ex-siste à historização”. É uma satisfação fora do possível que por isso faz furo no sentido. Ela descreve essa satisfação como “dupla”, “satisfação em relação ao percurso feito”, mas, sobretudo: “satisfação como resposta subjetiva àquele estado de gozo do corpo”.

Que o analista seja aquele que na cidade busca as respostas subjetivas que estejam à altura do gozo imprevisto do sinthoma, o que mais desejar?¹⁵



DIRETORIA DA EBP (abril de 2015 – abril de 2017)
 Ana Lúcia Luttenbach Holck – Diretora Geral
 Fernanda Ottoni Brisset – Diretora Secretária
 Paula Borsoi – Diretora Tesoureira
 Marcela Antelo – Diretora de Biblioteca

CONSELHO DA EBP (abril de 2014 – abril de 2016)
 Fátima Sarmento
 Fernando Coutinho
 Glória Marun
 Heloísa Prado R. da Silva Telles
 Luiz Fernando Carrijo da Cunha
 Marcela Antelo (Secretária)
 Ram Mandil
 Rosane da Fonte
 Sérgio de Campos (Presidente)
 Silvia Fêdita Espóquio

EQUIPE DE PUBLICAÇÃO DA CORREIO
 Lucíola Freitas de Macedo – Editora
 Maria do Carmo Dias Batista – Consultora
 Márcia Menção – Redatora
 Maria Wilma Faria – Revisora Técnica
 Fernanda Ottoni Brisset – Ação Lacaniana
 Heloísa Caldas – Entrevistas
 Rômulo Ferreira da Silva – Passe
 Jesus Santiago – Orientação Lacaniana
 Elisa Alvarenga – A formação do analista
 Romildo do Rêgo Barros – Pericópio
 Paulo Eduardo Viana Vidal – Universidade
 Flávia Cezar, Giovanna Quaglia e Oscar Reymundo – Letras e Artes

PROJETO GRÁFICO
 Júlio Abers e Leandra Weismann/ Jão Design

REVISÃO
 Luísa Morando

CORREIO –
 v. 1, n. 1 (1993) – São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise – n. 78, 2016.
 V.
 Trimestral
 ISSN 1981-9086
 1. Psicanálise – 2. Periódicos
 1. Escola Brasileira de Psicanálise

CDU 159.964
 CDD 150-195

ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
 Rua Teodoro Sampaio, n. 1440, Pinheiros
 CEP 05.412-001 – São Paulo – Brasil
 Tel/Fax (55 21) 97499-3385
 ebpb@ebp.org.br – <http://www.ebp.org.br>

SUMÁRIO DIZER SOBRE O PARLÊTRE

Editorial 7

7 Ana Lúcia Luttenbach Holck

O inconsciente no século XXI 11

13 Lacan, professor de desejo – Jacques-Alain Miller

"Fiat trou!" 23

25 Inconsciente e acontecimento de corpo. Éric Laurent responde às questões de *La Cause du désir*
 39 A caminho do corpo falante – Miquel Bassols
 55 Por uma política do acontecimento [O sinthoma e o corpo falante] – Marcus André Vieira

Um novo imaginário 71

73 O novo imaginário e o corpo – Jésus Santiago
 79 *Parlêtre* e consistência corporal – Ram Avraham Mandil
 83 Escabelo – Patrício Alvarez
 89 O outro no Espelho – Marcelo Veras
 95 Por em dia a imagem com relação ao sinthoma – Manuel Zlotnik

Fazer do sinthoma um S.K.Belo 101

103 O escabelo e o sinthoma – Pierre-Gilles Guéguen
 109 Do escabelo ao sinthoma e retorno – Elisa Alvarenga
 115 Os escabelos invertidos [Pequeno ensaio de uma primeira leitura em torno da música] – Guy Briole

Peças Soltas 125

127 O *parlêtre* Joyce no *Finn's Hotel* – Mirta Zbrun

128 Eu acho – Márcia Stival Ornyskiewicz
 129 *Lalíngua* do corpo – Alma Pérez Abella
 130 Ferid'alíngua – Lucíola Freitas de Macedo
 131 Elevador – Cinthia Busato
 132 A imagem como parceira da devastação – Paola Salinas
 133 Fazer das ruminções obsessivas uma peça solta – Adela Fryd
 134 Existe dores que estão na moda? – Gabriel Vulpara
 135 *Falasser* ao telefone – Marcela Antelo
 136 Ressonâncias possíveis de uma Outra presença – Andréa Vilanova

Os novos desafios do real 137

139 Indo para o Rio com os novos desafios do real – Jorge Forbes
 145 A crença no real e o amor – Luiz Fernando Carrijo da Cunha
 151 Do privado ao público e retorno – Marina Recalde

A psicanálise na cidade 157

159 Psicanálise e política de Saúde Mental – Paula Borsoi

1 Cf. Miller, J. A. Miller, J.-A. La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica. Buenos Aires: Paidós, 2003, especialmente as aulas XXI e XXII. Lacan, J. "Joyce, o Sintoma", *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 565 e 386. Laurent, E. *Le corps parlant et son sinthome*, última lição de 2/6/15, disponível em <http://www.radiolacan.com/fr/topic/629/3>, acesso em 5/8/15. "Teoria do parceiro", *Os circuitos do desejo na vida e na análise*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000.

2 Quanto ao que seria uma ação lacaniana: « ...em que medida e qual sentido é preciso dar à subtração da psicanálise à sociedade? Que sentido dar à posição de extimidade do analista? É sem dúvida uma posição de exterioridade em relação ao significante mestre, é sem dúvida uma posição

de exterioridade em relação às exigências da justiça distributiva, mas essa posição, contudo, não é sem dúvida sustentável em qualquer regime social. Por este fato mesmo, a questão é saber o que pode, ao lado do ato psicanalítico tal como Lacan o definiu, tomar lugar como ação psicanalítica ou mesmo, ousar dizer, *ação lacaniana*, que dê na sociedade a este ato psicanalítico as consequências que ele pode ter. Deve-se sublinhar que ao mesmo tempo que ele coloca o acento sobre o apartheid psicanalítico, Lacan não cessa de deplorar que seu ensino não teve na sociedade as consequências que ele desejava. É sem dúvida este campo aí que agora nos é aberto.» Miller, J. A. “Um Esforço de poesia” *Curso da Orientação lacaniana*, (lição 5/3/2003). Inédito.

3 Di Ciaccia, Antoni. “De civitate analítica”, *Opção Lacaniana* 15, 1996, pp. 28-30. O texto de Di Ciaccia retoma alguns princípios fundamentais, quase prévios à abordagem de Eric Laurent em “O analista cidadão” nossa referência de base quanto ao tema. Laurent, E. “O analista cidadão”, *Psicanálise e Saúde Mental*, Revista Curinga n. 13, Belo Horizonte, 1999.

4 Lacan, J. “Televisão”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 2003, p. 519.

5 Cf. Os dois encontros anteriores deste seminário disponíveis em <http://www.ebprio.com>.

6 Lacan, J. “Joyce, o Sintoma”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 565.

7 Lacan, J. O Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: JZE, 1988 primeira lição. Para a definição de Freud, cf. Freud, S. Sobre el Psicoanálisis (1913) Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1994, vol. XII, p. 211.

8 Freud, S. A Interpretação dos Sonhos. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol.V, Parte II, cap. 7, p. 649.

9 Pelo menos isso me pareceu bastante nítido nas considerações dele em *A Lógica do sentido*, mais simples ainda nas aulas em Paris VIII que podemos baixar no site da Universidade. Cheguei a ele a partir do verbete “acontecimento de corpo” redigido para o penúltimo *Scilicet* por Bernard Lecoeur e que recomendo. Bernard cita ainda os estoícos, que são tanto a referência de Lacan quanto de Deleuze para o acontecimento. Deleuze, Gilles, *Lógica do sentido*, São Paulo, Perspectiva, 2003. Cf. ainda Deleuze, G. “Anti-Oedipe et autres réflexions”, aula de 3/6/80 segunda parte, disponível em: http://www2.univ-paris8.fr/deleuze/article.php?id_article=215 (acesso em 01/10/15). E ainda Lecoeur, B. “Acontecimento de corpo”, *Semblantes e Sinthoma*, São Paulo, EBP, 2009, pp. 26-28. E finalmente, Lacan, J. “Radiofonia”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 406.

10 Miller, J. A. *Piezas sueltas*, Buenos Aires, Paidós, 2013. Claro, trauma em Freud não é apenas acidente, acidente que faz mal, ele é muito mais que um acidente, é de estrutura, vai acontecer transbordamento necessariamente do simbólico pelo real. Neste sentido o trauma em Freud é sinônimo de acontecimento. É como Bernard Lecoeur o situa. O acontecimento em Freud tem o nome de trauma. Mas é tão carregado semanticamente o termo trauma que é quase impossível ouvir nele o acontecimento “em si”.

11 Cf. “O avesso do trauma” Laurent, E. « *Le trauma à l'envers* ». Disponível em: <http://wapol.org/ornicar/articles/204lau.htm> (acesso em, 01/10/15), cf. tb. “El Origen del Otro y el objeto post-traumático”, *Lost in cognition*, Buenos Aires, Colección Diva, 2005, p. 103.

12 Freud destacada por J. A. Miller, “restos sintomáticos” *Resterscheinungen*, ou manifestações residuais, empregada por Freud em “Análise terminável e interminável” (cf. Miller, J. A. “Semblants et sinthomes, apresentação do tema do VII Congresso da AMP, *Revue La Cause freudienne* n° 69, Paris, Navarin, 2008, p. 131.

13 Lacan, J. “Le malentendu”, lição de 10 de junho de 1980 do seminário “Dissolução”, *Ornicar? N° 22/23*.

14 Sigo o modo como Lacan registra a presença da urgência e sua relação com ela, estando à altura e não negando ou ignorando, na conclusão de seu prefácio à edição inglesa dos *Escritos*: “Assinalo que, como sempre, os casos de urgência me atrapalharam enquanto eu escrevia isto. Mas escrevo, na medida em que creio dever fazê-lo, para ficar a par desses casos, fazer com eles par” (Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 569).

15 Fuentes, A. “O resíduo de uma análise”, *Opção Lacaniana*, n. 63. São Paulo, 2012, pp. 21-26 e “Um corpo, duas escrituras”, *Opção Lacaniana*, n. 61, 2011, pp. 143-154.